

Acupuntura em revista

Nós ocidentais, muitas vezes imediatistas, valorizamos a praticidade e o prazer do momento, que se refletem em nossa alimentação na opção por alimentos industrializados e hipercalóricos.

Todos nós conhecemos bem a medicina ocidental, da qual fazemos uso ocasional ou frequente, e que aborda o corpo físico, suas estruturas anatômicas e funções fisiológicas. Como espíritas, conhecemos também a dimensão espiritual da vida e sua interferência sobre nossa saúde física e mental, seja pela ação benfazeja ou maléfica do nosso passado sobre o presente, ou da ação de irmãos desencarnados sobre nossos pensamentos, sentimentos e sobre a estrutura sutil dos diferentes corpos semimateriais que nos compõem.

Há ainda uma abordagem, digamos intermediária, entre estas duas, que seria a da medicina sutil ou energética. A grande maioria dos espíritas conhece bem uma delas, a homeopatia, por ter seu desenvolvedor, o Dr Samuel Hahnemann, participado na codificação kardequiana, tendo um artigo seu publicado no Evangelho Segundo o Espiritismo, versando sobre a cólera (ESE cap IX – Bem-Aventurados os Mansos e Pacíficos, último item da Instrução dos Espíritos), além da ação positiva de alguns médicos homeopatas na implantação do espiritismo em terras brasileiras.

No entanto, muito antes do desenvolvimento, na Europa ocidental, de diferentes formas de medicina sutil (a homeopatia veio a nós pelo alemão Samuel Hahnemann, a antroposofia pelo austríaco Rudolf Steiner, os remédios florais pelo inglês Edward Bach, só para citar os de maior realce), o oriente já bebia desta fonte da medicina energética há milênios, mesmo antes da medicina hipocrática, há quase 2500 anos. Duas delas se destacam, a Medicina Ayurvedica, na Índia, e a Medicina Tradicional Chinesa, são formas terapêuticas ancestrais, altamente eficientes e mantidas até os dias de hoje, com algumas variações desenvolvidas ao longo do tempo.

Especificamente no caso da Medicina Chinesa, com todo o seu amplo arsenal de técnicas, mormente a acupuntura, temos que o foco de sua filosofia se encontra na antiga teoria do Tao, imagem icônica do eterno fluxo de energia entre Yin

e Yang, noite e dia, feminino e masculino, receptivo e ativo, matéria e energia, sombra e luz. Em suma, poderíamos dizer que a medicina oriental não foca sua atenção na elaboração de diagnósticos replicáveis ou apenas na eliminação dos sintomas indesejáveis, mas na busca incessante pelo equilíbrio dinâmico determinado pelo constante e suave fluxo energético por todo o corpo, o que representa no microcosmo o mesmo que se dá no macrocosmo, numa clara alusão à integração homem-natureza.

Isto fica difícil para o ocidental comum compreender, pois nosso raciocínio lógico se fundamenta na linearidade de causa e consequência, enquanto a forma de pensar do oriental é muito mais imagética e circular, o que pode ser verificado facilmente até mesmo pela sua escrita, que não é composta pela soma linear de letras que compõem fonemas e palavras. Cada ideograma compõe uma imagem, uma ideia, que pode representar uma ou mais palavras, de acordo com o contexto onde se insere.

Assim também é a leitura realizada pelo terapeuta oriental do paciente que se posta à sua frente com algum tipo de queixa ou dor. A anamnese não será composta pela soma dos diversos sintomas, alinhados por ordem de importância, compondo uma “frase diagnóstica” e, conseqüentemente, uma conduta estanque de terapêutica padronizada de forma massiva. O diagnóstico ali é absolutamente individual, decorrente da relação entre aquelas duas pessoas, que interagem, pois, na medicina oriental, não será apenas o cabedal de conhecimentos do terapeuta que entram na relação terapêutica. Sua sensibilidade será muito importante, desde a adequada detecção dos sintomas de desequilíbrio energético, até a aplicação da técnica escolhida.

Se o paciente será abordado e tratado como um todo, em seus aspectos físico, emocional e energético, não há como o terapeuta entrar apenas com uma pequena parte de seu ser. A relação resulta holística, não apenas neste aspecto da

relação humana que se estabelece dentro do consultório, mas igualmente com o cosmo que os rodeia, pois não há como isolar os sintomas daquele que sofre de seu contexto, imediato ou não, pois haverá influência do horário de recrudescimentos dos sintomas, da estação do ano e, portanto, do clima do momento, dos hábitos de vida, alimentação, comportamentos, trabalho, enfim, muitas variáveis que devem ser somadas e consideradas num momento onde dois seres se reúnem com um propósito maior que é o bem-estar e a recuperação do equilíbrio e da saúde. Por isso, muitas vezes encontramos a designação de medicina integrativa para estas práticas, algo importante de se refletir e exercitar nas demais relações e na vida no geral.

Um exemplo prático desta dinâmica integrativa de vários aspectos é a dos hábitos alimentares ocidentais, que cobram um alto preço no território da saúde, pois não se encontram harmonizados com a natureza, no sentido de valorizar os alimentos mais saudáveis e próprios da estação. Nós, ocidentais, muitas vezes imediatistas, valorizamos a praticidade e o prazer do momento, que se refletem em nossa alimentação, na opção por alimentos industrializados e hipercalóricos. Principalmente nas estações mais frias do ano, quando vemos nossos pratos se encherem de coisas gostosas, ao mesmo tempo em que diminuimos nossa atividade física e também não só pela hidratação, pela diminuição do estímulo da sede, mas também pelo desconforto de ter que urinar no frio. Assim, além de acumular aquela indesejável gordura corporal, nesta estação também aumentamos o acúmulo de toxinas no organismo, o que vai cobrar seu preço em algum momento. Muitos já pagam a conta na estação seguinte, na primavera, onde não raro encontramos uma explosão de casos de alergias, enxaquecas e desarranjos provenientes da liberação da gordura e toxinas acumulados no organismo nos meses anteriores.

Mas isto nem sempre acontece na estação seguinte. Pode acontecer anos depois, ou até mesmo no período final da vida física, quando as forças que mantêm a saúde já se encontram por demais enfraquecidas, sendo assim, ineficazes ao fazerem frente aos desmandos de anos. A conta chega em algum momento, pois sabemos bem que se a sementeira é livre, a colheita é obrigatória.

E o conhecimento espírita nos leva ainda mais além, por saber que o desequilíbrio que não é resolvido na mesma encarnação em que é produzido, irá influenciar negativamente na construção do próximo envoltório carnal, uma vez que as informações registradas no perispírito servirão de guia para a próxima organização celular. Como bem nos ensinou o Dr Hernani Guimarães Andrade, o perispírito é também denominado Modelo Organizador Biológico por esta razão. Nestes termos, fica fácil de entender a abrangência e conseqüente importância de atitude consciente no trato da saúde física e mental, das ações preventivas e de diagnóstico precoce, bem como do uso de terapêuticas energéticas e integrativas, que reorganizem as forças da vida em sua base mais sutil, evitando que os desajustes se prolonguem desnecessariamente em nossa escalada evolutiva pelas jornadas pedagógicas da matéria em direção à luz.

Enquanto não assumirmos a responsabilidade que nos cabe frente ao equilíbrio interno e com o meio externo, não encontraremos a verdadeira saúde e conseqüente felicidade nos repetitivos ciclos da roda da vida. É fazendo luz em nossa vida hoje, que semeamos a luz que desejamos amanhã.

Muita saúde e muita paz!

Valentina Pigozzi é psicóloga acupunturista e escreve posts diários sobre saúde e bem-estar no Facebook Acupuntura Brooklyn
Revisão: Hayala Henrique